

Economia brasileira — alguns passos na direção correta, mas como bêbedo

Igor Cornelsen *



A economia brasileira tem dado sinais confusos aos investidores e analistas nestes últimos dois meses. Algumas novidades importantes certamente ocorreram, como a aprovação no Congresso da lei que desburocratiza as operações portuárias, quebrando o esdrúxulo sistema de contratação de portuários; a aprovação, também pelo Congresso Nacional, da privatização dos serviços públicos; o acordo em princípio com os credores privados do Brasil, rompendo com uma posição equivocada de confronto que nunca conseguiu redução de um centavo na dívida externa e obrigou o Brasil, durante os últimos cinco anos, a pagar as mais altas taxas de juro da América Latina para financiar o seu comércio internacional e os recursos captados na forma de novos empréstimos, sem contar a imagem negativa que gerou para atrair novos investimentos industriais; e, finalmente, a recente liberalização do câmbio individual, que, apesar de tímida,

é um passo na direção correta.

Por outro lado, alguns fatos recentes mostram que vivemos dias contraditórios.

O mesmo Poder Executivo que mostra a necessidade de um ajuste fiscal acelera as obras da hidrelétrica de Xingó e propõe retomar a construção de Angra II, obras desnecessárias se não houver a estabilização econômica, pois a economia e o consumo de energia elétrica não vão aumentar com esse nível de inflação.

Outras obras recém-anunciadas, como a continuação da Linha Vermelha e o metrô de Brasília, mostram que o Executivo está longe de ser austero, não há nada mais supérfluo e postergável do que essas obras. Como é que pensam que vão poder gerar confiança em seu programa econômico com essa qualidade de investimento público?

O vice-presidente perdeu uma ótima oportunidade de ficar calado quando se colocou contra a privatização da Embraer e a favor de US\$ 200 milhões de subsídios anuais para mantê-la à tona. Num país com 18% de analfabetos, crianças descalças e subnutridas e sistema de saúde pública precária, sujeita a doenças como dengue e cólera, não

existe nada mais perverso que a manutenção de pesados prejuízos com empresas do complexo militar-industrial. Não existe injustiça social maior.

E, finalmente, a incompreensível nova política industrial da Zona Franca de Manaus. Subsídios fiscais via aumento de alíquotas para produtos similares fabricados fora da Zona Franca não aumentam a competitividade nem a eficiência de ninguém, pelo contrário. Quem deve ter

ficado muito feliz com esta nova política devem ter sido os argentinos. Dentro de dez anos estaremos importando os produtos hoje fabricados em Manaus de Buenos Aires.

Sem dúvida alguma, a economia brasileira deu alguns passos na direção correta, mas como um bêbedo também deu outros na direção contrária. Bêbedos não geram confiança.

* Diretor do Chartered WestLB Limited.